

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO, ADIÉRSE ESTAS... ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

*[Handwritten signature]*

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

P U T Z

a menina que buscava o sol

Maria Helena Kubner



*Quando as crianças entram, naquela de sair correndo e procurar lugar pra sentar e gritando falando chamando e tal, Putz já está sentada — luz nela — em silêncio, boneca meio pendurada no colo, olhando tudo. Cara curiosa de quem observa e busca e desvaba e se alegra ou se intriga ou se espanta. J. Du. Um tempo. Sem pressa. Deixar as crianças descobrirem Putz. Em silêncio — mesmo que seja o silêncio barulhento das crianças se ajeitando ainda. O silêncio sem palavras — só olhos nos olhos, começo da comunicação. Quando o silêncio for total, entrará pela platéia, numa o'gezarra daquelas, todos os outros atores, vestidos do personagem — árvore, poste, estátua, etc. que tiverem escolhido pra se apresentar no momento.*

- Depressa!
- Ai, não pira!
- Cuidado!
- Trouxe tudo!
- Sai da frente!
- Calma!
- ETC.

*ETC. São os atores colaborando nas falas, até que, no meio da platéia, formam súbito bolo ao estacar com a exclamação de um deles:*

- Olha lá, olha lá, olha lá!
- Que é aquilo?
- Uma moita...
- Tem gente nessa praça?



- Tem não!
- Só tem!
- Ele disse gente, mesmo!...

*Param todos, indecisos, cara de tampa de açucareiro. Pausa.*

- E agora?...
- Vou gente ou não trabalho?
- Metela, veio na frente, só pra se mostrar!
- Até que ela tem uma carinha simpática...
- Calma, pessoal, é a Alice.
- Alice?... Que Alice?
- Ah, não é, não. Alice tá governando o País das Maravilhas que a Rainha de Copas tá de férias.
- Ah, meu Deus, que confusão!
- É... que estava lá o bobete no meu nariz!
- Vamos mandar que ela vá de lá!
- Não, é só fingir que não estamos vendo.
- Isso! Invadimos o palco, que ela sai!
- Bobagem. Ela tá ali, não tá? Então o melhor é chegar lá e perguntar pra ela: "Quem é você, hein?"
- É o que é que ela está fazendo aqui!

*Todos concordam e seguem juntos. Mas já próximos, param e começa jogo de empurrar.*

- Vai, você!
- Eu, não, vai você!
- Eu não gosto de gente!
- Não morde, não!
- Vai você, que sabe falar bem.
- Só pra perguntar isso, não precisa.
- Ih... Eu vou, pronto!

*Caminha alguns passos. Os outros na expectativa. Ele para subito e volta.*

- Que é que é pra perguntar mesmo, hein?
- Pergunta quem ela é.

- Fica mal educado, ir chegando e perguntando: "Hei, você aí, quem é você?"
- Fala com jeito, mansidão... Ah, bom dia, primeiro: "Bom dia, menina. Como vai?..."

*Putz veio chegando sem eles notarem.*

*PUTZ — Bom dia!*

*Susto. Zum-Zum e confusão, depois ficam em quase ao mesmo tempo.*

- Quem é você?
- PUTZ — Eu sou Putz.*
- Putz...?
- É gente, não é...?
- Putz não é nome de gente.
- Como é que não?
- É nome de que, então?
- Vai ver é apelido.
- PUTZ — É meu nome.*

*As figuras continuam não entendendo nada.*

- Coisa mais esquisita!
- Será que ela existe mesmo?
- Você tem certeza que é dessa história?
- Isso! Pode ter tomado confusão errada!
- Não está vestida pra entrar na peça?
- Que é que você está fazendo aqui?
- PUTZ — Eu vim buscar o sol.*
- Buscar o sol...?
- Buscar o sol...
- Buscar o sol!
- É louca!
- Parece.
- Gente, não disse? Tinha que ser!
- Isso não, que quando eu viajei pro Brasil também eu que só andava para trás.
- Ah, mas isso é no Brasil, não é nessa história.



— Você tem certeza que é mesmo dessa história?  
— Pra que é que você quer o sol?  
PUTZ — É que a luz do sol tem todas as cores juntas.  
— Todas as cores...?  
— Quem disse?  
— Isso tem, sim: não vê quando ele brinca de arco-íris?  
— Ahn... Todas as cores... E daí?

PUTZ — É que quando eu era menor, minha mãe queria que eu fosse azul como ela, meu pai vermelho como ele e meu avô, amarelo e meu tio, verde e meus irmãos, cada um queria que eu fosse de sua cor. E eu não quero ser de uma cor só. Por isso vou buscar o sol, que tem todas as cores.

*Zorra total de novo, fala-fala confuso, todo mundo discutindo. Se é confuso, não precisa dar as falas, que não é pra entender mesmo. Até que:*

— Ih! Não entendi nada!  
PUTZ — Não entender? Quem tem todas as cores pode escolher. E pode colorir todas as coisas. E pode pegar uma pessoa lilás, desbotada, sem cor e sem vida e pintar de...  
— Ih, complicação!  
— Sabe que mais? Deixa pra lá.  
— Já estamos ficando atrasados.  
— É. Vamos cuidar de nossa vida.  
— Não podemos perder tempo com gente!  
— Desculpa, Putz, mas tá na hora do trabalho.  
— Leva a mal, não, viu? Se eu achar o sol, embrulho e mando pra você.  
— Olha, procure na praia, ele tem mania de ir à praia.  
— Eu sei, eu sei onde ele está! Eu vi!  
PUTZ — Viu?!  
— Tá no anúncio da calça BOBS: um sol grandão, com raios bem vermelhos!  
PUTZ — Não é sol de anúncio, não...  
— Ih, andem, que a peça já devia ter começado!  
— O diretor vai dar aquela bronca!  
— É. Vamos, vamos...

— Tchau, Putz! Até que achei você engatinhando...  
— Tchau!...

*Vão saindo, sempre atobados, cansados (já deu pra ver que são muito confusos, não?)  
Putz vai voltando a seu lugar, desespantado.*

VOZ (off) — Putz, heia?  
PUTZ — Ahn? Quem falou aí?  
VOZ — Eu.  
PUTZ — Eu, quem? Está escuro aí, não entou se vende.  
VOZ — Eu!

*Pulo para o claro: é um coelho branco.*

COELHO — Olá!  
PUTZ — Olá! Quem é você?  
COELHO — Eu sou eu. E você?  
PUTZ — Eu sou Putz...  
COELHO — Hum... E quer buscar o sol, já sei.  
PUTZ — Sabe...?  
COELHO — Claro.  
PUTZ — Como é que você sabe?  
COELHO — Eu sei as coisas. Por exemplo: também sei que vai querer que eu lhe ensine o caminho.  
PUTZ — Você sabe o caminho? Puxa, que bom! Eu não sabia por onde começar! Você sabe mesmo?  
COELHO — Hum... Talvez sim, talvez não. Depende.  
PUTZ — De que?  
COELHO — Depende, depende, depende. Você gosta de brincar?  
PUTZ — Se eu gosto de brincar? Muito! Por que?  
COELHO — Quem não sabe brincar perde o caminho.  
PUTZ — E é por isso que você não para?  
COELHO — Claro. Estou sempre brincando!  
PUTZ — Podemos brincar juntos de viagem!  
COELHO — Hum... Primeiro vamos ver se não está montando.  
PUTZ — Se mentisse, azar meu. Você não disse que sabe brincar se perde?  
COELHO — Hum... Vamos ver, vamos ver se encontrei a pessoa: se eu plantar uma semente e ela não crescer, acontece?





PUTZ — Uma semente no seu umbigo... Agora eu que digo: de-  
pele. Semente de que árvore?

COELHO — Qual a receita de pastéis de vento?

PUTZ — Nuvem de água mais nuvem de soubro e uma pitadinha de  
uma coisa que só a mãe do Pluft sabe.

COELHO — E se não chover como é que vai ser?

PUTZ — O Pequeno Príncipe vai morrer de sede no deserto.

COELHO — Hum... E você quer mesmo ir buscar o sol?

PUTZ — Quero!

COELHO — Então venha comigo. Por aqui.

PUTZ — É pra já!

*Black-Out e acende, vezes seguidas, lá atrás  
dele, de um lado para o outro, Coelho com  
cara bem mancra, moleque, tapador; cê-  
se que está tramando alguma.*

PUTZ — Coelho, você está me enganando: primeiro disse que era  
pra lá!

COELHO — Não, não, me enganei. É pra cá. Vamos!

IDEM.

PUTZ — Não vejo nem sinal do sol!

COELHO — Calma. Não é tão perto assim.

PUTZ — Mas nós chegamos lá, não chegamos?

IDEM.

PUTZ — Falta muito? Estou ficando cansado.

COELHO — Quer parar?

PUTZ — Não!

COELHO — (Para) Tem certeza que quer ir mesmo?

PUTZ — Já disse que tenho!

COELHO — Então vamos em frente!

PUTZ — Mas falta muito ainda!

114

IDEM.

COELHO — Hum... Veja que está caindo de cansada, menina.

PUTZ — Estou caindo de cansada!

COELHO — Quer desistir? Ainda falta um pedacinho!

PUTZ — Não, eu vou!

COELHO — Hum... Decidida? Resolveu que vai mesmo?

PUTZ — Já disse que sim!

COELHO — Está bem. Então podemos começar a viagem.

PUTZ — HEIN?!...

COELHO — Eu disse: então podemos começar a viagem.

PUTZ — Mas... você é louca! Pra que é que estamos indo pra  
sua de um lado para o outro!

COELHO — Era preciso.

PUTZ — Era preciso. Era preciso por quê?

COELHO — Pra ver.

PUTZ — Para um instante e me explica! Ver o quê?

COELHO — Se você é teimosa.

PUTZ — Se eu sou teimosa? Não entendi. E não se pode, ser teimosa  
sua?

COELHO — (Para) — O contrário: é preciso ser muito teimosa,  
saber querer as coisas. Você disse que quer buscar o sol. Não  
é fácil. É longe e o caminho é perigoso, cheio de riscos. Muitos  
desistiram no caminho ou no meio. Vai ver.

PUTZ — Eu não vou desistir!

COELHO — Bom, pelo menos nascou pela primeira vez  
que vai saber buscar.

PUTZ — Então podemos ir?

COELHO — Podemos. Mas lembre o que avisei: não vai ser fácil.  
Vai ter que atravessar água, areia e fogo, passar muitos perigo-  
sos, enfrentar coisas que você nem sonha.

PUTZ — Não tenho medo. Eu quero ir.

COELHO — Hum... Não tem medo? É o que vamos?

PUTZ — Vai ver, mesmo!

COELHO — Então, a caminho. Prepare-se: estamos indo  
para a terra dos ventos.

*Black-Out. Foco só sobre o rosto de Coelho.  
TERRA DOS VENTOS. No cenário.*



*gargalhada infantil. Ao arder, garoto vestido de vento, pequeno ventilador nas mãos, fazendo aquela bagunça em cena: com floresta de fios de papel ou varal com roupas ou qualquer outra imagem cínica que possa refletir seu movimento.*

- COELHO — Vento Sul! Que é que está fazendo?
- VENTO — Brincando!
- PUTZ — De que?
- VENTO — Ora, de que! De ventar! Vem brincar comigo!
- PUTZ — Eu não sei, brincar de vento...
- COELHO — Ora, é só ficar bem solta, bem solta e girar com a grade e por tudo em movimento.
- VENTO — Tchau, vou lhe emprestar esse autor. Vá lá Cibernética me dizer se tá lá. Anota aí o nome dela e depois vem aqui me buscar.
- COELHO — Deve estar num local divertido!
- VENTO — Se é? Olha só.
- VOZ — (Off) Vento Sul! Vento Sul...? Onde é que você está?
- VENTO — Pronto! Mamãe!...
- COELHO — É dona Ventania?
- VENTO — É lá vem bronca!
- COELHO — Bronca por que?
- VENTO — É que já sei que fui falar um boato que eu não tenho nada que tirar levantando a sala das garotas. E tirando o cabelo de todas as crianças. E acordando as folhas que ficam dormindo no chão... E garanto que alguma árvore deve ter lá dizer que despenhei a cabeleira dela!
- COELHO — (Para Putz) — Cuidado! D. Ventania não é brincadeira.

*Vento começa a crescer — como se vê nos objetos de cena e expressão corporal dos atores.*

VENTO — O vento está me empurrando!  
Mamãe! Mamãe quando vem zangada sai varregando!

- COELHO — Vamos sair daqui!
- PUTZ — Não estou conseguindo andar!
- COELHO — Firme os pés no chão e siga em frente!

*Vento tenta ajudar sem conseguir.*

- PUTZ — Minha boneca! Espere!
- COELHO — Não se vire que depois não consegue mais andar!
- VENTO — Eu guardo pra você!
- PUTZ — Mas eu queria...
- VENTO — Espera, vou ao encontro dela, pra não deixar que venha até aqui!

*Sai, no mesmo movimento, enquanto Putz e o Coelho, seus "empurrados", e tanta que empurrados em um turbilhão chegando a um ponto atrás em que...*

PUTZ — Olha!

*Letra se abre sobre três figuras humanas — eu disse "humanas"! Deveria ter dito estátuas. E também podem ser três ou quatro ou cinco — tem toda um bando espalhado por aí, mas na hora de escrever a gente, que já conhece de perto os problemas de produção, vai reduzindo o número... O que importa é que eles, quaisquer que seja seu número, estejam parados, quase imóveis e suas poses, falas e gestos terão absolutamente rígidos e uniformes, como uma parada militar que virasse foto e filme e filme e foto. Tá? (Rebublica difícil, nossa!) Traje ou apliques de metal dourado e prateado, rostos com máscaras idênticas e impessoais.*

- PUTZ — Que estátuas são aquelas?
- COELHO — Não são estátuas.
- PUTZ — Não...? Então por que é que estão assim parados e não se mexendo? Olha! Estão se mexendo!





COELHO — É que o vento está forte demais.

ESTATUAS — 1 — O vento!

2 — O vento!\*

3 — O vento!

PUTZ — Que é que vão fazer? Melhor sair daqui!

COELHO — Não tem verga. Nós podemos errar, eles mal andam. É que quando o vento aumenta, eles ficam com medo e com frio. E por causa do medo e do frio eles se juntam, encostam seus corpos um no outro...

PUTZ — Mas nem se olham... Esquisito!

VOZ — Que fazem aqui?

*Surge por trás deles uma estranha figura, traje todo dourado, metálico e brilhante, agigantada em seus coturnos altos; é o chefe da horda. Putz recua, assustada. O coelho come em dois saltos.*

CHEFE — Que faz aqui, menina?

PUTZ — Eu... eu vim buscar o sol.

CHEFE — Hein? Buscar o sol...! Pra que?

PUTZ — É... para... pra ter em mim todas as cores juntas. E o calor... Com o calor eu acabava o medo e o frio deles... E podia também...

CHEFE — Já serve, a explicação. Gosto de ver que está me procurando.

PUTZ — Procurando o senhor...!

CHEFE — Mas é claro que é ingenuidade sua querer me buscar ou pensar que eu possa ir com você; é você quem tem que estar a meu serviço. Vou lhe arranjar um lugar pra trabalhar.

PUTZ — Hei! Não, espere! Não é isso! Eu não quero ficar a seu serviço! Eu...

CHEFE — Não vem buscar o sol? Sou eu, o sol.

PUTZ — O senhor?!...

CHEFE — Sim. Não vê meu brilho?

ESTATUAS — 1 — O brilho.

2 — O brilho.

3 — O brilho.

PUTZ — Mas...

CHEFE — Mas o que?

PUTZ — Não sei... Acho que não é isso...

CHEFE — Não me faça perder tempo!

ESTATUAS — 1 — Tempo...

2 — Tempo.

3 — Tempo!

PUTZ — Eu... eu não acredito que o senhor seja o sol!

CHEFE — Ahu!! E por que não?

PUTZ — O Sol... o sol ilumina tudo em volta. O sol dá luz. Então por que aqui é escuro assim?

CHEFE — Ora, luz... E agora?

*Acende-se luz forte, geral. Ela olha em todas as toizes.*

ESTATUAS — E agora?

E agora?

E agora?

CHEFE — E ainda aumento e reduzo esta luz à vontade. (Demanda)

PUTZ — Mas... o sol é quente. O sol dá calor. Então por que eles estão com frio?

CHEFE — Quer calor? Vai ver se não ficou suando...

*Gesto dele e em câmara lenta o grupo começa a afastar-se e ela mesma a demonstrar calor.*

PUTZ — E então...?

PUTZ — Com tudo isso... O sol tem em si todas as cores juntas! Por que o senhor é todo de uma cor?

CHEFE — Porque e porque e porque e porque! Chega! Você faz perguntas demais! E discute o que eu digo! Não gosto que discutam o que eu digo! Eu sou o sol, eu sou o sol, eu sou o sol! A eles: quem sou eu?

ESTATUAS — O SOL!

O SOL!

O SOL!



CHEFE — Vento...

PUTZ — Não sei explicar. Tem qualquer coisa errada. Não é que não se vá lá, mas eu queria.

CHEFE — Delegado. Venha comigo (seguro). Com essa pele fina e fina, entra toda a sujeira do ar; com mandar cobri-la com um pé de carepa.

PUTZ — Não! Eu não quero esse por lá, não quero uma só cor, não quero ficar aqui!

CHEFE — Dê lá! Não que fique!... Delegado!

PUTZ — Me largo! Socorro!

CHEFE — Não seja teimosa!

PUTZ — Teimosa... O coelho disse para ser teimosa... O coelho... (Fazendo) Coelho, socorro!

CHEFE — De quê? Quem é que está aí? Não se mexe aqui!

PUTZ — Não se mexe aqui! Não se mexe aqui! Não se mexe aqui!

CHEFE — Ah, agora... Deixa, você aí! Agora não se brinca! Há muito que faz! Menos brincadeira, o tempo, e sem guardas, vigia o dia todo para ver quem brinca! Guardass!

*Entra um homem-relógio. As estátuas em fundo iniciam tique-taque e movimento correspondente de corpo.*

GUARDA — Sim senhor?

CHEFE — Procure um coelho que deve estar por aí... delegado!

GUARDA — Sim, senhor.

PUTZ — Não! Ele não fez nada!

CHEFE — Como, não fez nada! Perder tempo brincando é um crime!

PUTZ — Vento Sul! Que bom!

CHEFE — Como não! Pra que é que serve a brincadeira? Pra nada! Atrapalha o trabalho, diminui a produção, vira tudo um desordem!

VENTO — Quem não sabe brincar vira estátua!

PUTZ — Quem não sabe brincar perde o caminho! O coelho disse!

CHEFE — Vocês têm muito que aprender aqui! (Para o guarda) Anda, procure o tal coelho e traga-o aqui! Quanto a vocês...

VENTO SUL — Vento, em voz de um dos coelhos.

CHEFE — Chefe! — Hum...!

VENTO SUL — Certo, Putz!

*Suem crescendo. Os outros tentam fugir-las movendo-se com dificuldade em suas catenacões.*

CHEFE — Pergunta esses dois!

ESTATUAS — Peguem! Peguem!

VENTO SUL — Me perca! Inveja! Pra cá, Putz!

*As estátuas também se movem, mas sem movimento ao redor e lentas, semelhantes aos bailarinos, com cores de: rigidez de bola, que se vai, vai a bola, tirando um no centro dando uma ideia. O importante é mostrar a soltura e agilidade dos movimentos em contrastes com a rigidez dos grandes.*

*A um canto, na boca de cena, surge um cavalo branco. Luz vai caindo atrás em resistência sobre a perseguição nervosa dos demais, desorientada pela agilidade permanente do pequeno Vento Sul.*

CAVALO — Putz! Por aqui, delegado!

PUTZ — Heu!... Você me conhece!

CAVALO — Hum... Como é que não! Eu não viro com você!

PUTZ — Quem veio comigo foi o coelho.

CAVALO — Eu sou o coelho.

PUTZ — Coelho! Você é um cavalo!

CAVALO — E por que não posso ser coelho e cavalo! Ter mais de uma forma!

PUTZ — Mais de uma forma...?

CAVALO — Não sabe que quando a gente...

PUTZ — E você está crescendo?

CAVALO — Você também. Tudo que é vivo...

PUTZ — Olha! Eles vêm vindo para cá!





*suber, compôs especialmente para esta peça. Perder a mania que só a palavra comunica: ninguém vai abrir a boca nesta cena. Ao acender, surgem as figuras anteriores (já sem máscaras e apliques dourados) agora com mantas ou panejamentos em tiras que com o movimento as transformem em chamas vivas. Tons do vermelho vivo ao amarelo. Ação, o nome da música diz: dança ritual do fogo. Luz pouca, dando clima. E chega, que não vou ficar dirigindo a peça nas rubricas. No meio da dança entra Putz só em coreografia, também, seu medo inicial e esboço de fuga a que se segue a atração e envolvimento das chamas. O cavalo surge também no meio das chamas. Putz pára, encantada: Depois corre para ele e começam a dançar juntos. As chamas, em torno, envolvem os dois. Ao baixar novamente a música, as chamas vão se afastando e a luz agora subindo, mais, vê-se que Putz está com novos trajes. As chamas saem. Luz cai em resistência sobre Putz e o cavalo, saindo também.*

*Reacende com eles caminhando.*

PUTZ — Meu vestido pegou fogo.

CAVALO — Já não sobra mais, você está crescendo.

PUTZ — No começo deu medo, essa terra do fogo. Pensei até em voltar. Mas depois comecei também a dançar, dançar e... volta! Uma árvore! Como é que consegui passar pelo fogo? Maldra queima!

CAVALO — Não é árvore, é gente.

PUTZ — Hein?! Gente?

*Luz vai se abrindo atrás sobre três árvores cuormes. A cena agora é em todos os tons de verde. Putz se aproxima de uma, curiosa, olhando bem no meio do tronco, seu rosto — o do coitado do ator que largou correndo seu manto de "fogo" para entrar na casca de uma árvore.*

PUTZ — Boa tarde!

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Hein?... Ah?... Não prita? Como é que está respondendo a gente assim? Não respeita ninguém!

PUTZ — É que... desculpe... eu não sabia que o senhor estava dormindo.

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Não sabia, não sabia! É sempre a mesma história! Se não sabia, tente de saber! E eu não sabia o nome!

*A 2.ª árvore estende a galha e toca o ombro de Putz. Ela se volta.*

2.<sup>ª</sup> ARVORE — (Baixo) — Não liga pra ele, não. Reclamando de tudo. Não falese com ele, tá reclamar que não lhe deu nome, não.

3.<sup>ª</sup> ARVORE — É só que tá sendo...  
*(Vozes, sussurros)*

4.<sup>ª</sup> ARVORE — He... tá... tá...

PUTZ — Não, é que...

4.<sup>ª</sup> ARVORE — Tá sei, já sei que ela está dizendo que meus tratos não agchos, não prestam!

CAVALO — E até que são mesmo. Estou pensando de provar um e cuspi fora.

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Não pedi sua opinião! Não fala com animado!

CAVALO — Tá bem, tá bem. Vou isso mesmo vou é sair por aí colhendo frutos. (Sai).

PUTZ — Não se zangue assim. Ela falou comigo porque tá me chamando e se estava dando atenção ao senhor.

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Hum... Que é que você está querendo, hein? A resposta é de quem quis me agradar. E quem fica querendo agradar é porque está com alguma intenção!

PUTZ — Não estou com intenção alguma. Eu...

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Eu sei, eu sei como é que são as coisas, pergunta o que eu quero, do que preciso, meus frutos, cortar meus galhos, arrancar...

2.<sup>ª</sup> ARVORE — Sali de perto dele, então. Vou me afastar.

1.<sup>ª</sup> ARVORE — Sali de perto ele, não é! Está aqui só porque ela veio falar foi comigo? Então de você ficar me intrigando e falando de mim aqui!



vibes, compôs especialmente para esta peça. Perder a mania que só a palavra comunica: ninguém vai abrir a boca nesta cena. Ao acender, surgem as figuras anteriores (já sem moicanos e apliques dourados) agora com saídas ou panejamentos em tiras que com o movimento os transformem em chamas vivas. Tinta da vermelho vivo ao amarelo. Ação, o nome da música diz: dança ritual do fogo. Luz: pouca, dando clima. E chega, que não vai ficar dirigindo a peça nas rubricas. No meio da dança entra Putz: só em coreografia, também, seu medo inicial e esboço de fuga a que se segue a atração e envolvimento das chamas. O cavalo surge também no meio das chamas. Putz para, encantada: Depois das chamas, Putz para, encantada: Depois das chamas ele e começam a dançar juntos. As chamas, em torno, envolvem os dois. Ao voltar novamente a música, as chamas vão se afastando e a luz agora rubindo, mais viva que Putz: está com novos trajés. As chamas saem. Luz cai em resistência sobre Putz e o cavalo, saindo também.

Reacende com eles caminhando.

PUTZ — Meu vestido pegou fogo.

CAVALO — A não sabia mais, você está crescendo.

PUTZ — Não, é que a terra do fogo. Pensei até em dançar! Mas depois também a dançar, dançar e...  
 Cavalo: Você dançou! Como é que conseguiu passar pelo fogo?  
 Muitas perguntas!

CAVALO — Não é árvore, é gente.

PUTZ — He-he! Gente?

Luz vai se abrindo atrás sobre três árvores curvadas. A cena agora é em todos os tons de verde. Putz se aproxima de uma, curiosa, olhando bem no meio do tronco, seu rosto — a do colado do ator que largou correndo seu suntuo de "fogo" para entrar na casca de uma árvore.

PUTZ — Boa tarde!

1.º ARVORE — Boa tarde... Ah!... Não grite! Como é que chegou aqui? Não se assuste ninguém!

PUTZ — É... eu... eu... eu não sabia que o senhor estava aqui.

1.º ARVORE — Não sabia, mas sabia! De repente a presença do senhor aqui... eu não sabia! E eu não sabia!

*Luz. Árvores estende o galho e torn a arbores de Putz. Ela se volta.*

2.º ARVORE — (Baixo) — Não liga pra ele, não. Bravura em tudo. Não precisa nem ele, lá reclamar que não lhe deu tempo.

1.º ARVORE — Não precisa nem ele, lá reclamar que não lhe deu tempo.

CAVALO — Não precisa nem ele, lá reclamar que não lhe deu tempo.

CAVALO — É até que são mesmo. Estou pensando de procurar um campo fora.

1.º ARVORE — Não pedi sua opinião! Não fale com animais!

CAVALO — Te levei lá fora. Vou isso mesmo vou é sair por aí.

PUTZ — Não estou com intenção alguma. Eu...  
 1.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...  
 2.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...

1.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...  
 2.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...

1.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...  
 2.º ARVORE — Não, não. Não estou com intenção alguma. Eu...



- 1.<sup>a</sup> ARVORE — De, venha cá, sardina, sente aqui, em minha casa  
comigo, não falta!
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Procura! Quer é tirar a sardina do mar! Não dá  
lá! As raízes dela estão cheias de facóreas, não te moedas!
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Não acordem mais que vou pulavento! Não são mais  
dele, não são!
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Não, não, não! — Abreiga assim não dá!... É  
profundo demais aqui, é?
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Profundo, não. Mas que não é hora de dormir,  
não é não!
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Hora de dormir é a hora que dá sono.
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Planta, acorda! Dormir de noite! Agora, as loucas,  
as loucas, não...
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — ...dormir é hora que nasce, ocellina, a hora  
que é hora. É... a hora que nasce, ocellina, a hora que é hora.
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Não, não, não! — Não, não, não! — Não, não, não!  
Não, não, não!
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — A Lua é do lado esquerdo, sardina...
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Hum... Grande coisa...
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — É carinhosa, muito carinhosa; quando viu que eu  
não queria de olhar pra ela, estendeu sua luz até minhas fe-  
lhas; eu fechei os meus galhos, assim; ela riu e começou a  
me fazer charges, tentando acabar um branquinho pra passar  
atrás de mim. E começou a me branquear, de mexer a luz e a  
amora para ficar encantada desenhos no chão...
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Desenhos no chão?... É pra que é que serve  
isso?
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Serve tanto quanto uns frutos azedos e que nin-  
guém come!
- 1.<sup>a</sup> ARVORE — Já sabia que ia defender seu querido!
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Meu querido, não. Não viu que ele gosta é da  
luz!

*Apito estridente e surge um Grilo, verde-ol-  
vadamente enfeitado.*

- GRILLO — Ananaim! Eu sabia, eu sabia!... Que é isso!
- 2.<sup>a</sup> ARVORE — Não é isso. Não vê que é uma minhoca!

GRILLO — Silêncio! Não responda assim a uma pergunta!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Ómega!...

GRILLO — Com licença, não é? Está *apitada*!

PUTZ — Hehe!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Quer, quer, quer, não sei, não sei, não sei... Não  
sei, não sei, não sei, não sei...

1.<sup>a</sup> ARVORE — Que não, não, não, não, não, não, não, não!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Processa...

1.<sup>a</sup> ARVORE — Que incursão ela vai ter de não se não não, não  
chegar e tal sendo multada assim sem mais nem menos!

PUTZ — Mas... multada por que? Eu não fiz nada!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Não...? Ela não sabe de nada!

GRILLO — Como não sabe nada? Não chegou nenhuma multa  
nem nada, não chegou nada!

PUTZ — Não, não, não!

GRILLO — Não, não, não! Não, não, não! Não, não, não! Não, não, não!  
Não, não, não, não, não, não, não, não!

1.<sup>a</sup> ARVORE — Vai, vai, vai, não, não, não, não, não, não, não, não!

GRILLO — Olla o tã! Não fale assim comigo! Eu sou uma auto-  
refade!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Sur, Grilo, o senhor está tão simpático hoje... A  
farda é nova? Ou é o senhor que está cada vez mais novo e  
mais bonito?

GRILLO — Não, não... Claro que...

1.<sup>a</sup> ARVORE — Depois eu é que vou passar!

GRILLO — Silêncio! Não fale do assunto! Expliquese, menina!

PUTZ — Eu... eu sou Putz e cheguei aqui agora. E...

1.<sup>a</sup> ARVORE — Ela só está andando por enquanto. Mas vai ficar  
aquí conosco. Vai virar árvore, criar raízes e...

PUTZ — Não!

2.<sup>a</sup> ARVORE — Por que não? É não? É bom, ser árvore.

1.<sup>a</sup> ARVORE — Está fazendo pauco de nós!

PUTZ — Não é que não...

GRILLO — Se for árvore não paga!

PUTZ — Mas eu não quero ser árvore!

1.<sup>a</sup> ARVORE — Não diga isso sem saber.





PUTZ — Não, mas...

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Então? É bom ter as raízes crescendo na terra e ser agasalhado e aquecido por ela; sentir a chuva entrando no pelo, devagar, até a raiz mais funda; ver que sua sombra dá abrigo a quem passa na estrada...

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Sentir os passarinhos fazendo ninho em seus braços...

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — ... e servir de lenha, quando um lenhador vier e lá — acalhar com você!

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — É quando chega a estação dos frutos, sentir as sementes crescendo, crescendo dentro de você, devagar, como se fosse você que estivesse se abrindo mais e mais, criando vida nova...

GRILO — Chega de blá-blá-blá! Resolva de uma vez! Sou uma autoridade, não posso perder tempo!

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Nós também vivemos ansiosos. Como você.

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Mas quando chegamos aqui, os pés estavam duros de tanta poeira!

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — E aqui era bom: havia sombra e pássaros e as árvores todas davam lenha.

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — E paramos: as raízes cresceram e viramos árvores também.

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Fica conosco!

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — (Onde ir; como caminhar) — Fica...

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Fica...

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Já que está aqui, o melhor é ficar!

GRILO — Ou fica... ou paga o preço para andar!

PUTZ — (Indicando, zangado) — Aqui é bom... Eu gostei de vocês... Mas... Mas falta alguma coisa...

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — O que é que falta?

PUTZ — Não sei. Falta...

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — É impressão sua!

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Falta, falta! Mania!... Que é que você quer mais?

PUTZ — Há sombra e folhas e frutos, mas... As flores! Onde estão as flores?

GRILO — Ora... Flores!

*As árvores se afastam, baixou de repente uma tristeza enorme — de quarta-feira de cinzas de folião pobre.*

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Só vemos flores uma vez por ano...

GRILO — Para que flores?

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — As flores viram frutos, pronto.

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Eu também sinto falta. Mas as flores só nascem com o sol.

PUTZ — O sol...

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Na época que o sol vem as flores nascem...

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — E tudo fica claro e alegre...

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Mas o sol não fica aqui. Tem que seguir caminho.

PUTZ — Eu não posso ficar!

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Louco! Quer andar que vai andar?

GRILO — Olha a multa! E lei! E eu cumprio a lei!

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — Mas onde você vai?

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Aqui perto há um rio, que traz a água pra nossas raízes. Como é que você vai atravessar!

GRILO — Ai, ai, ai! Não desafie a lei! Não desafie!

PUTZ — Mas eu tenho que ir. Eu... eu vou buscar o sol para vocês!

GRILO — Então... paga primeiro!

PUTZ — Eu não tenho dinheiro!

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Não é dinheiro. Tem que dar algo seu — os cabelos, a mão...

PUTZ — Ahn...?

1.<sup>a</sup> ÁRVORE — Você é alegre. Pode dar sua alegria. Foi o que dei quando cheguei aqui.

PUTZ — Minha alegria? Mas eu preciso dela para andar!

GRILO — Se não paga, está presa!

PUTZ — Não sair mais daqui!

3.<sup>a</sup> ÁRVORE — Espere! Não vamos deixar!

GRILO — Hein? Estão pensando que vão?

2.<sup>a</sup> ÁRVORE — E quem disse que não?



GRILLO — Eu sou a lei! Eu sou a autoridade! Eu...

3.ª ARVORE — Não é coisa nenhuma!

*As árvores se fecham, barbaudo-lhe a frente. Sururu, confusão. Putz aproveita pra sair correndo. Black-Out.*

*Reacende: Cantata.*

PUTZ — (*Procurando*) — Onde está o cavaliinho? Ah, meu Deus, não sei se é este o caminho e não consigo ver onde ele foi!

*De gar totalmente inesperado: do alto, seria o lógico, se a lógica mandasse nas coisas.*

PÁSSARO — Chamou...?

PUTZ — Ah! Onde...? Ah, bad tur... Não viu um cavaliinho — ou um coelho — por aqui?

PÁSSARO — Hum... Você não aprende, hein?

PUTZ — Não aprendo...? O que?

PÁSSARO — Não aprende, não aprende! Já não disse que quem cresce se transforma?

PUTZ — Quem cresce se transforma. Eu sei.

PÁSSARO — Sabe mesmo, é?

PUTZ — Claro. Eu mesma já mudei bastante. Mas o que preciso agora é encontrar meu amigo, o cavalo.

PÁSSARO — Hum... Só que não vê que seu cavalo?

PUTZ — O senhor... quer dizer, você?! Mas... de coelho virar cavalo ainda entendo. Mas cavalo virar pássaro é difícil!

PÁSSARO — Se fosse fácil é que não tinha graça.

PUTZ — Mas assim... não vai poder seguir comigo.

PÁSSARO — De fato, para mim vai ser mais fácil: você vai ter que atravessar o rio. Depois vem a montanha. E a subida causa. Por isso virar pássaro: do alto é mais fácil que no chão.

PUTZ — Re...?

PÁSSARO — Você! Este pedaço tem que andar sozinha. Não disse que enfrentava o que viesse?

PUTZ — O rio... E a montanha... E se eu não conseguir?

PÁSSARO — Só prometi que mostrava o caminho. O resto é com você. Olha: estamos chegando ao rio.

PUTZ — E como é que eu vou atravessar?

PÁSSARO — É com você, já disse. Espere você na subida da montanha.

PUTZ — Espere! Já leva um mês!

PÁSSARO — Não posso. Procure um meio de atravessar.

PUTZ — Um meio! Mas qual?

PÁSSARO — Procure. Se estiver salta, como na terra dos ventos e com o calor que trouxe da terra do fogo... Deixo também com você os frutos que apanhei das árvores. Coragem! Tehau!...

*De cena: quatro lavadeiras numa "colheita da batata" — a taboalada e de cima a um palovar. Pode ser algo simples como a técnica chinesa de fazer rio (aquela do plano horizontal, leve e largo, os peixes aplicados segros nas extremidades e movida de forma adequada de modo a formar ondas). Atrás dele, Putz navega. Com as mãos vai recolhendo da via alguns peixes. Cena em tons de azul. Luz em tons que ajudem a misturar as águas. Música leve, ritmando o navegar. Black-Out.*

PUTZ — (*Já no outro lado*) — Ufa!... Pensei que não chegava... (*Pausa, olha em volta*) — Lugar tranquilo... Onde é que terá ido o pássaro? Vou esperar por ele. Ou é melhor seguir? Disse que me encontrava na subida da montanha...

VOZ — Mas já estamos na subida da montanha.

*Figura em traje cor de ervas, alta e magra, at tranquila. Tem as pernas abertos e parece um grande...*

VAGALUME — Você é Putz. E vem buscar o sol, não é? Bem, já tinha chegado.



PUTZ — Como é que o senhor sabe?

*Surtem outros "vagalumes", todos com a mesma luz ao pescoço, ou na testa, ou nas mãos. Os trajes terão todos os tons de terra, do marron ao bege. A luz cresce.*

- Vimos você atravessando o rio.
- Vemos longe.
- Vemos quase tudo que se passa aqui.
- Sabemos muita coisa.

1.º VAGALUME — E é por isso que temos o sol.

PUTZ — O sol... aqui!?

- Claro.
- Também viemos em busca do sol.
- Também atravessamos os ventos...
- ... e o fogo...
- ... e a água...
- ... até chegarmos aqui.

*Putz se animando cada vez mais.*

PUTZ — Puxa, nem fala, o sol... aqui! Eu já estava tão... Acho que não ia aguentar andar mais!

- Todos nós chegamos assim.
- É que é longe o caminho. Cansa mesmo.

1.º VAGALUME — Trate de descansar um pouco, que ainda vai ter trabalho pela frente antes de ver o sol.

PUTZ — Ah, depois dessa eu faço qualquer coisa! Diz lá que eu faço! Ora, se faço! É pra já! E onde é que ele está?

— Quem?

PUTZ — O sol!

— Os sóis, você quer dizer?

PUTZ — Os sóis!... Tem mais de um!

1.º VAGALUME — Cada qual tem o seu.

PUTZ — Mas... eu sempre ouvi dizer que o sol é um só. E de todos.

1.º VAGALUME — Não. Olhe só: o meu está aqui. *(Mostra sua luz).*

- O meu também.
- O de nós todos.

PUTZ — Mas... isto é o sol? Parecem vagalumes.

— Os sóis são vagalumes.

PUTZ — Os sóis são vagalumes?!...

1.º VAGALUME — Cada um que chega busca o seu. Cada um um lugar para ele. E fica com ele guardado ao lado.

— Mas iluminando também a sua volta.

PUTZ — É bom, trazer sua luz consigo...

- E em torno de nós há sempre luz.
- E quando nos juntamos, a luz cresce...
- ... como se fosse a de um enorme sol.
- Quer ver?

*Começam a juntar-se e a luz sobe, realmente.*

PUTZ — Puxa, vocês juntas iluminam mesmo! É lá não entendi.

*Interrompe-se ao ver que algo estranho começa a acontecer entre elas: uma empurra empurra, cada qual querendo ficar mais em destaque.*

- Hei, chega pra lá!
- Vê se não fica na minha frente!
- Quer parar de se exhibir?
- Minha luz é maior que a sua!
- É o que você pensa!
- Aqui é meu lugar!
- Não sei porque!
- Cheguei primeiro! E meu sol é maior!
- Convencido!
- Presunçoso!
- É você!
- É você!

*Confusão de futebol, na hora de querer dar no juiz.*

1.º VAGALUME — Parent! Não façam isso!

*Nem a notam mais, arde-lhes na própria competição. Putz vai se afastando. O vagalume a segue até a boca de cena.*





1. VAGALUME — Espera! Não quer seu sol?  
PUTZ — Quero, mas... Não é isto... O sol, para mim, não é isto!  
1. VAGALUME — Quer ir adiante?  
PUTZ — Adiante? Não sei... Eu não aguento mais...  
1. VAGALUME — Se acha que não é isto, deve ir adiante.  
PUTZ — Mas vou em vão muito longe ainda!...

*Seus olhos se alongam medindo uma distância imprecisável. Rosto inquieto e triste.*

*Black-Out.*

*Reacende na semi-obscuridade. Vazio total na cena. Mal se vê Putz: pequena mancha clara na meio das sombras.*

*Putz se aproxima. Procura fugir em vão para aqui e para lá, e não vê ninguém mais está buscando.*

*Revelação total. Música suave, triste, ela zanzando, perdida.*

PUTZ — Ninguém... Estou sozinha... Agora entendo porque as velas estátuas têm medo... e as árvores desistem das flores... e as crianças começam a pensar que sua luz pequena é o Sol... Mas era melhor ter ficado lá com eles... Pelo menos andaram... e tinham um pouco de luz... (Pausa) Ninguém mais aqui sozinho... Estou ficando com medo... Estou sozinha... E está frio... frio...

*Vai desfalecendo, devagar, até deitar-se no chão.*

— Nada, nada...

*Pausa longa.  
Pula súbito.*

— Espera! Parece que ouvi passos!

*Pára e escuta: Nada.*

— O que foi? Impossível? Não... Eu ouvi... Foi quando eu voltei — sacalei na terra... Se eu colar bem o ouvido na terra...

*Faz o que diz.*

— Parece? Não parece, talvez vertez! Vem alguém aí!

*Levantase de novo. O ruído começa a ser audível.*

— Quem será?...

*Compara as rações alternadas, mede distâncias e vultos, etc. (Teve da alta tumbosa, mas a expectativa passar a platéia).  
O ruído cresce, cresce... e súbito surge alguém do outro lado:*

— O Pássaro...!

*Ele traz ainda suas asas de pássaro. Mas rosto já humano, natural.*

*Olha o surpresa.*

*Pássaro a lento reconhecimento, olha nos olhos, enquanto ele desce lentamente as costas, exibindo sua forma humana...*

*Esboço de sorriso. De comunicação. Que os atores aproveitem a epidemia de expressão corporal e sirvam-se. Mas pra valer: tosse de dentes. Viva. Linguagem mesmo, do gesto e do corpo. Levando da expressão a comunicação. Dos dois. E de... para todos.*

ELE — Por onde virá você?

ELA — Vim pela terra. Atravessai o rio.

ELE — Eu vim do mar.



ELA — Também subiu a montanha?

ELE — Pelo outro lado. Eu também buscava o sol.

*Alegria: Aquela alegria! Aproxima-se mais:  
ENCONTRO. Da alegria e do encontro, surge,  
espontânea, a brincadeira; pega-pega, currupeio  
e danças e riso e jala e canto e tudo:  
Transbordamento, gente se derramando, vida  
explodindo, total.*

*E, à medida que começam a brincar, outras  
mais vão surgindo, rostos igualmente livres e  
entram também no brinquedo.*

*A luz vai subindo, subindo, até a luz forte,  
viva, total!*

PRESENÇA DO SOL

ELE — Olha o sol!

ELA — O sol...

TODOS — O SOL!

*Sempre rindo e brincando, cresce sobre eles  
a música e eles vão cantarolando junto, enquanto  
a luz agora se desdobra no arco-íris  
sonhado, matizada em suas sete cores, em  
clima de magia e festa, que marca o.*

FIM

## EXISTE UMA NOVA CRIANÇA? (\*)

Na sociedade acumuladora e competitiva em que vivemos, o infantil teve quase sempre conotação inferior ou pejorativa: "deixa de ser infantil" era dito ao adolescente ou adulto como repreensão às vezes até diante de uma simples manifestação espontânea. O fato nada tem de estranhável: se na escala de valores dessa sociedade as pessoas só valem em função do que têm ou do que produzem, a criança e o velho, não sendo economicamente produtivos, seriam necessariamente considerados elementos marginais ou inferiores.

No entanto, entre os defensores mesmo dessa visão, é hoje comum ouvir-se uma frase — constatação ou reclamação — a respeito das crianças que são mais expectas, mais ativas, mais inquietas e atentas ao que se passa em em torno. Serão elas realmente mais amadurecidas, e a mais precocemente amadurecidas, que as de outras épocas? Ou isso é apenas impressão de alguns, frutos de uma distância no tempo que altera as próprias lembranças e vai nublando a visão, fazendo estranhar os objetos percebidos? Ou até de um sentirem-se deslocados em um mundo cujos valores, aspirações e necessidades são cada vez mais diversos dos seus?

Quarquer que seja a resposta — e um sim ou não apenas pouco esclareceria as contradições dentro das quais nos movemos em todos os campos — é evidente ter havido uma alteração nos comportamentos e atitudes da criança que, obviamente, não poderia ficar ilhada ou alheia às profundas transformações que os tempos estão trazendo: transformações geográficas, que tornam o espaço do homem não só sua nação, apenas, mas todo o mundo; transformações econômicas, que obrigam a planificar a produção, eriam uma tecnocracia cada vez mais atuante socialmente e dão às massas todo um papel político no Estado; transformações que afetam as escalas de valores, fazendo redescobrir-se a significação real do trabalho, do sexo, da ação, do social como ampliação das insuficiências individuais.

(\*) Fusão de dois artigos publicadas em *Cadernos de Serviço Social e Comunicação do J.B.* (n.ºs 32/33) e *Cadernos de Teatro* (n.º 63).

